

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
Programa de Pós-graduação em Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Bárbara de Oliveira Ahouagi

**Atividades extensionistas:**  
diálogos entre a formação de professores em Arte e a docência no ensino fundamental

Belo Horizonte  
2025

Bárbara de Oliveira Ahouagi

**Atividades extensionistas:**

diálogos entre a formação de professores em Arte e a docência no ensino fundamental

Monografia de especialização em formato de artigo científico apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Prof. Me. André Luiz Ferreira de Oliveira

Belo Horizonte

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

NOME: **BÁRBARA DE OLIVEIRA AHOUGI**, Nº. DE REGISTRO: **2023731474**.

TRABALHO FINAL: “**ATIVIDADES EXTENSIONISTAS: DIÁLOGOS ENTRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ARTE E A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**”.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

**APROVADO** em 05 de agosto de 2025, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Prof. Me. André Luiz Ferreira de Oliveira (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Ma. Isabella Santos Ramos (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPGArtes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Isabella Santos Ramos, Usuária Externa**, em 07/08/2025, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **André Luiz Ferreira de Oliveira, Usuário Externo**, em 11/08/2025, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4441389** e o código CRC **AFC4576F**.



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as mulheres que vieram antes, a todas as professoras, mães, avós, tias, amigas, irmãs, companheiras, que caminham ou caminharam ao meu lado.

O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores — domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade.  
(Paulo Freire)

## RESUMO

Em 2023, os estudantes do curso de Licenciatura em Artes Plásticas da Escola Guignard–UEMG, situada no bairro Mangabeiras, em Belo Horizonte, foram ao bairro Capelinha, no município de Betim, onde realizaram oficinas e conversas com estudantes do ensino fundamental, nas aulas de Arte. Por sua vez, os alunos do CAIC realizaram uma excursão para a Escola Guignard, pertencente à Universidade do Estado de Minas Gerais. A experiência deu início ao projeto Troca de Saberes, dentro das atividades de extensão da Universidade, viabilizando um diálogo entre a academia e a comunidade. O presente artigo pretende relatar o encontro de 2023 e investigar os impactos entre os diferentes grupos de estudantes a partir desta experiência.

**Palavras-chave:** Ensino de Arte; Atividades de extensão; Ensino público; Formação de docentes.

## **ABSTRACT**

In 2023, students from the Bachelor's Degree in Fine Arts course at Escola Guignard-UEMG, located in the Mangabeiras neighborhood of Belo Horizonte, went to the Capelinha neighborhood in the city of Betim, where they held workshops and conversations with elementary school students in their Art classes. In turn, students from CAIC went on an excursion to Escola Guignard, which belongs to the State University of Minas Gerais. The experience started the Troca de saberes project, within the State University's outreach activities, enabling a dialogue between academia and the community. This article aims to report on the 2023 meeting and investigate the impacts among the different groups of students established from this experience.

**Keywords:** Art education; extension activities; public education; teacher education.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pintura de portas da escola, 2024.....	13
Figura 2 – Oficina cores e formas primárias 2023 .....	13
Figura 3 – Oficina carimbos, 2023 .....	14
Figura 4 – Pedagoga no ônibus com trabalho do Estudante 2.....	15
Figura 5 – - Exposição relâmpago dos trabalhos do Estudante 2.....	17
Figura 6 – Visita a aula de pintura.....	18
Figura 7 – Visita aos ateliers de gravura em metal e serigrafia.....	18
Figura 8 – <i>Twister</i> cromático e piquenique .....	19

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>TROCAS DE SABERES</b> .....	<b>10</b>
<b>2.1</b>	<b>Do Comiteco ao Capelinha</b> .....	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>Do Capelinha ao Comiteco</b> .....	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>REFLEXÕES POSTERIORES</b> .....	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>22</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

Iniciei meus trabalhos como professora de Arte para os anos finais do Ensino Fundamental em 2008, no município de Betim, MG. Em 2020, durante realização do meu doutorado em Artes na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, fui convocada para assumir cargo de Professora em Educação Superior, no curso de Licenciatura em Artes da Escola Guignard, na Universidade Estadual de Minas Gerais. Atualmente acumulo as duas ocupações simultaneamente em diferentes turnos. Além do acúmulo de atribuições, um dos desafios tem sido colocar em diálogo os dois campos de atuação, tendo a Arte como elemento mediador.

No Ensino Fundamental, leciono aulas de Arte para estudantes entre 11 e 15 anos, do 6º ao 9º ano. A Escola Municipal Israel José Carlos – CAIC, situada no bairro Capelinha, está localizada em um complexo que reúne ainda duas creches, uma base da Guarda Municipal e um posto de saúde. Os alunos são, em sua maioria, de classes populares, incluindo vários em situação de vulnerabilidade social e outros com deficiências ou neurodivergências. De modo geral, são criativos, inteligentes e interessados em atividades artísticas e culturais.

A atuação no Ensino Superior é mais diversificada. A Escola Guignard tem sua história iniciada em 1944, quando o artista Alberto da Veiga Guignard – que dá nome à Escola – lecionava no Parque Municipal de Belo Horizonte. Atualmente, o prédio está localizado no bairro Comiteco, região nobre e elitizada da cidade, embora os discentes tenham origem bastante diversificada. A cada semestre ministro ao menos duas disciplinas distintas, dentro da formação de professores, dentre as quais: Educação das Relações Étnico-Raciais; Cultura Afro-brasileira; Política Educacional; Laboratório de Ensino Infantil; Laboratório de Ensino Fundamental e Laboratório de Ensino Médio.

Dentro das diretrizes universitárias, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Coepe) determinou a partir da Resolução nº 287, de 04 de março de 2021, que “os cursos de graduação devem destinar, às atividades de extensão, no mínimo 10% (dez por cento) da sua carga-horária total prevista no Projeto Pedagógico do Curso.” O Artigo 2º da Resolução, estabelece como objetivos destas atividades:

I - interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões contemporâneas presentes no contexto social;

II - formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência e interação

dos conhecimentos construídos na Universidade de modo integrado;

III – proposição de ações sobre a Universidade e sobre os demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos;

IV - articulação entre ensino/pesquisa/extensão, ancorada em processos pedagógicos integrados, político-educacionais, culturais, científicos e tecnológicos. (COEPE, 2021.)

Neste sentido, a realização das atividades extensionistas permitiu o início de um projeto que conectava meu trabalho na formação de docentes em Arte com minha prática docente junto a estudantes do Ensino Fundamental.

A experiência que será relatada no presente artigo, baseia-se na descrição das atividades deste projeto, denominado inicialmente de *Troca de saberes*. Iniciado no ano de 2023, consiste em visitas feitas pelo licenciandos da Escola Guignard até o CAIC e pelos os estudantes do CAIC, que visitam e conhecem a Universidade. Com essa troca, o primeiro grupo tem a oportunidade de desenvolver uma proposta para as turmas do Ensino Fundamental além de complementar as discussões teóricas em sala de aula. Para os mais novos, a experiência pode possibilitar a ampliação do campo artístico e cultural, bem como oportunizar a perspectiva de acesso a instituições de ensino público e gratuito, bem como a possibilidade de formação nas diversas áreas de conhecimento, especialmente a Arte.

## **2 – TROCAS DE SABERES**

A região metropolitana de Belo Horizonte foi criada em 1973 e compreende 33 municípios. A proposta de se integrar grandes regiões nas metrópoles que cresciam a partir da década de 1970 visava dinamizar e desenvolver essas áreas. Este tipo de integração, dentro de um ideal democrático, intencionaria estimular o crescimento de áreas urbanas, acesso aos serviços básicos de saúde, educação e cultura. Paulo Freire desenvolveu a ideia de “educação permanente” e “cidades educativas”, observando que a estas

não basta reconhecer que a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. (FREIRE, 2001, p.14)

No livro, o autor aproxima a vivência democrática a critérios de cidadania, atentos às desigualdades e questões políticas que afetam a existência nas grandes cidades. Para a responsabilidade de uma “tarefa educativa” nas metrópoles, ele levanta a importância da memória, mas ressaltando seu movimento entre as gerações (2001, p. 14)

A ideia de uma troca de saberes sinaliza a dialética entre as gerações que se encontram em um ambiente menos formal do que em uma aula convencional, compondo um ambiente de liberdade que afete a formação de ambos os grupos envolvidos. Além disso, a conexão entre lugares distantes geográfica e socialmente, permite que a cidade exponha sua dimensão física e desigual, que fica evidente em cada uma das visitas. Alinha-se com a proposição das atividades de extensão para “formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência e interação dos conhecimentos construídos na Universidade de modo integrado” (COEPE-UEMG, 2021).

## **2.1 – Do Comiteco ao Capelinha**

Nas disciplinas de licenciatura da Escola Guignard, as atividades extensionistas são planejadas coletivamente entre os docentes durante o semestre a partir das discussões que ocorrem em sala de aula. As aulas das disciplinas de Laboratório de Ensino acompanham as atividades de estágio obrigatórios. Na realidade, nem todos os estudantes conseguem fazer a disciplina e o estágio concomitantemente, de forma que a realização desta atividade permite a aproximação com o ambiente escolar. É um momento em que é possível aproximar teoria e a prática do ensino de arte, além de laços afetivos a partir do contato com os estudantes do ensino fundamental. O ambiente escolar na Escola Municipal Israel José Carlos tem sido muito profícuo para o ensino de Arte. O terreno da Escola é muito grande e temos uma sala ambiente com mesas grandes, computador, pia e materiais diversificados para a produção de desenhos, pinturas e alguns trabalhos tridimensionais. Desta forma, os licenciandos podem planejar atividades para as turmas com algum conforto em termos de materiais e espacialidade. As aulas duram 50 minutos, de maneira que o planejamento deve ser dinâmico e conciso. Sobre o planejamento das atividades destacamos o depoimento da Extensionista 1, aluna do 5º período do Curso de Licenciatura da Escola Guignard:

Tive a oportunidade de visitar a Escola Municipal Israel José Carlos duas vezes em 2023, como atividade de extensão nas disciplinas de Educação das Relações Étnico Raciais e Laboratório de Ensino Fundamental.

Em ambas as oportunidades, eu e meus colegas fomos bem recebidos na escola e também bem conduzidos pela professora Bárbara Ahouagi, que propôs, articulou e

possibilitou essa visita lá. Tivemos bastante autonomia no planejamento e aplicação das atividades que preparamos para os estudantes da EM, sempre com a supervisão e auxílio cuidadoso da professora. (Extensionista 1, 2025)

A proposta da turma da Extensionista 1 foi de uma conversa com os estudantes do CAIC, na qual apresentaram seus trabalhos em desenho, pintura, gravura. Cada graduando pode falar de sua produção na universidade, e os estudantes mais novos puderam ver trabalhos, fazer perguntas e conversar sobre o ensino superior de arte. Atualmente as imagens em sala de aula são muitas vezes apresentadas pelos meios impressos e, principalmente, digitais. O contato com cadernos de desenho, matrizes e impressões de xilogravura e outras técnicas, materiais de produção artística para os jovens estudantes traz uma outra perspectiva sobre a criação. Seu depoimento demonstra como o processo de ensino-aprendizagem ocorre em todos os participantes desse espaço de troca:

A dinâmica que mais me marcou foi a que apresentamos alguns trabalhos e matrizes feitos e usadas na disciplina de Xilogravura, além de alguns desenhos autorais nossos para duas turmas do Fundamental II. Estava nervosa e com medo deles não se interessarem, mas me surpreendi. Foi uma troca muito gostosa, porque se tornou uma oportunidade de ensinar e aprender junto deles. Os alunos ficaram interessados pelos nossos trabalhos e alguns tímidos e outros empolgados, nos apresentaram suas pastas e cadernos de desenho. Me lembrei da minha época de escola, e me enxerguei neles. (Extensionista 1, 2025)

Aqui, cabe colocar um pouco da minha atuação como professora daqueles alunos que estavam presentes na apresentação da Extensionista 1. Cursavam o último ano do ensino fundamental e foram as primeiras turmas que iniciaram após o período de reclusão durante a pandemia de Covid 19, em 2020. Eram muito atenciosos, interessados e dedicados à arte. Vários desenhavam muito bem, outros nem tanto, muitos criativos, sensíveis e inteligentes. Tinham uma boa noção de técnicas de desenho, como a perspectiva, o claro-escuro, conheceram fotografia, escultura, gravura, artes interdisciplinares e estavam fazendo pinturas nas portas das salas de aula. Permitia que as brincadeiras, bem como momentos livres, de ócio, ocorressem, sem pressionar os estudantes a ter que produzir coisas todas aulas. Ao verem os colegas envolvidos nas pesquisas propostas, naturalmente eles sentem à vontade de participar como conseguem, auxiliando, dando ideias, conversando.

Figura 1 – Pintura de portas da escola, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal.

A outra turma que visitou a escola fez duas propostas de oficinas, cada uma com 50 minutos de duração. A proposta da Extensionista 2 dizia respeito a representação de corpos a partir de formas e cores primárias. Segundo ela:

A atividade proposta tinha a intenção de falar de diversidade de corpos, porém de forma didática, leve e interativa. Assim, usando as formas primárias recortadas pelos alunos, eles deveriam montar seus corpos, se identificando dentro dos formatos e peculiaridades, o que foi divertido de assistir! Tiveram meninos cortando bolinhas para os "muques" e quadradinhos para a barriga sarada, meninas se enchendo de acessórios e fazendo até os sapatinhos. (Extensionista 2, 2025)

Figura 2 - Oficina cores e formas primárias em 2023



Fonte: Arquivo pessoal.

Na outra parte das oficinas, foram utilizados carimbos com referências a representações de corpos da história da arte, a partir das quais os estudantes interferiram de forma livre. O propósito dessas duas atividades era uma provocação ao corpo normativo e abrigava a intenção da diversidade de cores e corpos de forma poética. Durante as apresentações, os estudantes extensionistas conversaram de forma bem lúdica sobre este tema com os alunos. Sua proposta remete ao que Freire dizia ser um sonho dentro da democracia “Um outro sonho fundamental que se deveria incorporar aos ensinamentos das Cidades educativas é o do direito que temos, numa verdadeira democracia, de ser diferentes e, por isso mesmo que um direito, o seu alongamento ao direito de ser respeitados na diferença.” (FREIRE, 2001, p.14)

Figura 3 - Oficina carimbos em 2023



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao vivenciar sua proposta, a Extensionista 2 teve reflexões que transcendem o espaço de conhecimento artístico, naquilo que consideramos como objetos de ensino imediato, neste caso, as possibilidades de reprodução e combinação de imagens ou cores. Ela disse:

Pensar que de um jeito prático a gente pode trazer uma reflexão de pluralidade, me faz reforçar a ideia de que o ensino além de depender da instituição/governo, também requer um olhar cuidadoso do educador para que uma aula de artes possa ser um movimento também social dentro da escola. (Extensionista 2, 2025)

Ao que a Extensionista 2 chama de “movimento também social” parece dizer respeito a essas outras camadas de diálogo e aprendizagem que se abrem a partir da arte, através da arte, e com a experiência artística. O que difere de serem mediadas pela arte, ou terem esta apenas como ferramenta para outros objetivos. As diferentes camadas de compreensão ocorrem de acordo com as distintas subjetividades que participam daquele momento, como nos propunham as experiências neoconcretas ou dos *happenings* e performances.

## **2-2 – Do Capelinha ao Comiteco**

“Bom, saímos da escola por volta das 13 horas, tivemos uma longa viagem. Chegando lá eu vi casas maravilhosas, tivemos a exposição incrível do *Estudante 2*, com um morcego, dinossauros, ele tem o dom” Assim inicia o relato da Estudante 1., do 9º ano do EF do CAIC ao lembrar sua visita à Escola Guignard da UEMG. São quase 2 horas em ônibus fretado pela prefeitura para se atravessar três municípios e chegar à universidade.

Inicialmente seria uma visita guiada pela instituição de ensino superior, mas, em diálogo com o processo de trocas ocorrido entre estudantes de ambos os grupos, foi organizada uma exposição relâmpago do *Estudante 2*. Seu processo criativo tinha força no campo tridimensional, no qual representava bestas e monstros com papelão e tinta guache com grande detalhamento e maturidade estética. É possível que a ideia inicial tenha sido de algum graduando, no entanto, cabe destacar o papel importante da pedagoga da escola que acompanhou toda a excursão, ajudou a transportar os trabalhos e atuou no percurso de socialização do *Estudante 2* durante três anos.

Figura 4 – Pedagoga no ônibus com trabalho do Estudante 2.



Fonte: Arquivo pessoal.

Destaco a fala da professora Lúcia Pimentel, na qual aponta que:

Arte, enquanto área de conhecimento, além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. (PIMENTEL, 2007, p. 26.)

A possibilidade de organizar o espaço com a liberdade contou com a gentileza do corpo de funcionários e estudantes. Foram deslocados temporariamente os suportes da galeria de arte para os trabalhos e feita uma placa improvisada com o nome do artista. O Estudante 2, portador do espectro autista, apresentou suas obras publicamente e pode ser visto pela comunidade da Escola Guignard. Pimentel diz que o ensino de arte possibilita “experiências e vivências”,

Para isso, é necessário que @ professor@ tenha uma base teórica que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus/suas alun@s quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos. (IDEM.)

Naquele momento a atividade extensionista atuou como ação afirmativa dentro do âmbito individual e coletivo. O Estudante 2 teve um progressivo avanço na sua socialização ao longo do ensino fundamental, não era capaz de sequer trocar olhares com os colegas e, na visita, conseguiu apresentar seus trabalhos diante de um grande público. O envolvimento de diversos setores no processo permitiu quebrar a linha alunos-professores e ampliar a permeabilidade deste tipo de ação que prevê em sua resolução o envolvimento da comunidade acadêmica.

Figura 5 - Exposição relâmpago dos trabalhos do Estudante 2



Fonte: Arquivo pessoal.

Nas duas vezes em que os estudantes do CAIC foram à Escola Guignard, eles foram separados em dois grupos, facilitando a entrada nas salas de aula e a condução feita pelos graduandos. Oriente que os graduandos planejem previamente os percursos, conversem com os professores dos ateliers e tenham uma atividade preparada previamente para fazer com os estudantes. No entanto, o tempo é muito ligeiro, descontando o tempo do transporte, eles terão cerca de 1:30hrs a 2hrs para toda a visita, sendo que meia hora, pelo menos, tem que ser reservada para o lanche.

A visita guiada no ano da turma do Estudante 2 pode presenciar uma aula de pintura na qual os graduandos estavam fazendo diversas técnicas como aquarela, acrílica e óleo. Sobre isso, a Estudante 3 disse:

A parte da turma que eu estava viu a aula de pintura livre e várias obras em processo feitas de aquarela, nanquim e outros que não lembro o nome. Conhecemos a sala de xilo e depois fomos a galeria e vi muitas obras lindas e algumas que eu não entendi o conceito, mas é a arte, né? Vi uma obra que representava a fome, feita por uma moça que estava na aula livre homenageando seu gato falecido com a pintura, e uma obras do pôr/nascer do sol, simplesmente MARAVILHOSAS. (Estudante 3, 2023.)

Figura 6 - Visita a aula de pintura



Fonte: Arquivo pessoal.

As visitas aos ateliers onde são ensinadas as técnicas artísticas são parte importante do percurso feito pelos alunos. Nos ateliers de gravura, como os de gravura em metal, serigrafia e xilogravura, os estudantes puderam ver as matrizes, as prensas, os trabalhos impressos. Os professores da Escola Guignard em geral são bastante generosos, apresentando as técnicas, materiais e processos. algumas vezes os alunos e os graduandos conversam, tiram dúvidas, ampliando a rede de trocas e conhecimentos possibilitados.

Figura 7 - Visita aos ateliers de gravura em metal e serigrafia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

É parte da cultura escolar que toda excursão termine com um lanche. A Escola Guignard organiza periodicamente a Semana Guignard, que reúne e divulga diversas atividades de extensão. Ao organizar o evento, procuro sincronizar com a realização desta Semana, no entanto, os procedimentos dentro do ensino público para liberação dos ônibus nem sempre permitem que isso seja realizado. Um ano consegui, no outro não. Quando isso ocorreu, a hora do lanche pode acontecer com várias interações, pois havia oficinas e brincadeiras artísticas ocorrendo naquele momento. Uma delas era o Twister cromático, no qual as mãos e os pés dos participantes seriam posicionados de acordo com a mistura das cores primárias sorteadas.

Figura 8 – *Twister* cromático e piquenique

Fonte: Arquivo pessoal.

### 3 – REFLEXÕES POSTERIORES

Para se pensar em conclusões vou destacar dois depoimentos de alunos do 9º ano do CAIC. Neles entendo que é possível vislumbrar possíveis efeitos da experiência de trocas e as reverberações no que constituímos como propostas no ensino de arte. Primeiro, o Estudante 4 disse:

Oi, meu nome é K., eu gostei muito da excursão. Gostei muito, amei. Espero voltar mais vezes. Gostei das pessoas desenhando, muito bom a excursão voltar lá e ficar ia ser ótimo e aprender mais. Muito bom aprender lá, um lugar de paz, traz muita calma no coração, é bom pra alma esse é meu discurso, espero voltar. Esse foi dos melhores passeios desse ano, e muito obrigado por fazer esse passeio muito legal. Aposto que lá é o melhor lugar pra aprender. (Estudante 4, 2023.)

Essa sensação de que é possível associar o aprendizado ao um lugar bom e de paz contradiz a prática docente que muitas vezes encontra o aluno avesso à este processo. Tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem já iniciado desde o 7º ano aos alunos da turma do Estudante 4, e a abertura para o contato com o ensino superior de Arte, observamos a possibilidade de projetar a ideia de continuidade como algo positivo. Contudo, o esvaziamento dos cursos de licenciatura no país demonstra como o campo de trabalho tem sido pouco atrativo de modo geral.

Outro depoimento que destaco da Estudante 3 traz detalhes de sua experiência:

Bom, a ida pra universidade de artes foi muito longa, quase uma viagem. Chegando lá, vimos muitas casas bonitas (mansões, eu diria), e o pessoal do ônibus foi à loucura.

Assim que chegamos eu vi a biblioteca por fora e fiquei ansiosa para conhecê-la, mas fomos ver a entrada e as obras incríveis do Gustavo. Logo depois subimos e nos dividimos. [...] Saindo da galeria fui ao banheiro ali perto e deixei minha presença registrada, mas em compensação quanto voltei já tinha passado pela biblioteca. Então fomos lanchar e eu não conheci. Também não conheci uma outra sala de serigrafia. Fiquei triste por isso, mas espero um dia conhecer.

Fiquei muito apaixonada pela vista das montanhas e da cidade. Foi um passeio super divertido e cheio de novas experiências. (Estudante 3, 2023.)

A fala da estudante reverbera a experimentação de um ambiente de liberdade no qual a frustração de não ter conhecido a biblioteca funde-se com a emoção de deixar sua marca registrada em um lugar tão marcante. As experiências que colocam em diálogo essas distintas etapas de ensino, aproximam os estudantes de uma ideia de educação permanente, continuada. Essas trocas extravasam a ideia de divisão de anos de acordo com uma demarcação institucional. A quebra de hierarquias no estabelecimento de diálogos é fundamental para a fruição de uma experiência artística. Em diálogo com o pensamento de Barbosa: “Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modifica-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.” (BARBOSA, 2012, p. 19.).

A cada visita que ocorreu nessas trocas, as dinâmicas se modificaram de forma significativa. Como orientadora dos graduandos, faço uma pequena contextualização prévia das turmas, o que estão aprendendo no momento, seus potenciais e interesses. Durante alguns momentos das aulas na universidade debatemos propostas e eles decidem e conduzem o processo. Neste sentido variaram tanto a turma de graduandos e os caminhos escolhidos para as proposições, quanto os estudantes do ensino fundamental, que reagiram de diferentes formas de acordo com o momento.

Enquanto uma avaliação dessa chamada *Troca de saberes*, me interessam aqueles fatores que promovem ideias de futuro, como o que revela parte da fala de ambas extensionistas:

Além disso houveram perguntas sobre nosso curso e Universidade. Foi uma

oportunidade valiosa de interlocução e troca: levamos um pouco da Escola Guignard e trouxemos conosco a vivência e os aprendizados da sala de Artes da Escola Municipal Israel José Carlos e um gostinho de quero mais. (Extensionista 1, 2025)

A oportunidade de colocar em prática essa atividade, fez com que eu visse a proposta com outros olhos, dentro de uma escola periférica e de histórias diferentes sentadas atrás de cada mesa. Trocar com cada um deles no final da dinâmica, mostrando nossos trabalhos e os convidando a conhecer a Escola Guignard/ UEMG, também dá aquele "calor no coração". Uma universidade estadual precisa ser habitada por mentes que são muitas vezes negligenciadas ou colocadas à margem do conhecimento acadêmico. (Extensionista 2, 2025)

O ensino médio é a etapa escolar com maior evasão no Brasil. O contato entre o ensino fundamental e o ensino superior se propõe a fortalecer um imaginário possibilitado pela arte para essa construção de um desejo de futuro. Ao longo deste tempo, acompanhando alguns estudantes, vejo que essa ideia se materializa por vezes e essa potência talvez possa nos aproximar de uma ideia mais verdadeira de cidadania. Neste sentido, o que se propôs neste artigo são alguns retornos sobre as primeiras experimentações de um espaço singular de conexões entre dimensões da nossa estrutura educacional.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) *Inquietações e mudanças no ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Metodologias do Ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 24-37.

RESOLUÇÃO UEMG/COEPE Nº 287 DE 04 DE MARÇO DE 2021. Disponível em: <https://www.uemg.br/resolucoes-coepe/5822-resolucao-uemg-coepe-n-287-de-04-de-marco-de-2021-dispoe-sobre-o-desenvolvimento-de-atividades-de-extensao-como-componente-curricular-obrigatorio-dos-cursos-de-graduacao-da-universidade-do-estado-de-minas-gerais>. Acesso em 03 jun. 2025.